

À margem do velho serviço civil Chinês

NILO MARTINS RODRIGUES

NARRANDO, em O SÁBIO JOVIAL, a vida atribulada e sublime de Su Tungpo, misto de poeta, funcionário público e político chinês do século XI, Lin Yutang produziu, talvez sem intenção, um rico documentário da administração pública daquela época, entremeadado de alguns trechos de poesia dêsse popular clássico da literatura chinesa.

A leitura da biografia do poeta inspirou-nos a idéia de comentar alguns aspectos do velho serviço civil chinês, principalmente na parte relativa à administração de pessoal, por isso que, embora sob o pó de nove séculos, já se norteava por princípios e adotava métodos que são recomendados pela moderna administração científica.

Os cultores de administração de pessoal, bem informados da luta gigantesca que sustentaram os reformadores, na Inglaterra e nos Estados Unidos, até que conseguissem introduzir a "open competition", não poderão conter sua admiração viva pelas realizações dos antigos estadistas chineses, cujo estágio tão adiantado contrastava com uma sociedade de economia feudal e freqüentemente sujeita à prepotência de soberanos.

Muitas das instituições, que ainda hoje carecem de luta para que sejam efetivadas, já existiam na China do século XI. Um Ministério do Serviço Civil; um Departamento de Administração, com a função de coordenar os seis Ministérios; um Conselho Administrativo, em pé de igualdade com o Conselho Privado (equivalente a um Estado-Maior das Forças Armadas); o sistema de concursos, dado o próprio Imperador, às vezes, participava das bancas examinadoras, e muitas outras

práticas já existiam na China, o que demonstra o alto prestígio de que gozavam as funções públicas.

E' comum aceitar-se, como explicação do fenômeno, as circunstâncias econômicas e geográficas, principalmente. De fato, um país muito vasto, desprovido de fáceis meios de comunicação, com uma economia ainda rudimentar (quase totalmente agrícola), com uma população muito numerosa e com hábitos e línguas bastante diversos, só poderia conservar sua unidade política, através de séculos, se possuísse uma sábia descentralização (política e administrativa) e dispusesse de um eficiente serviço civil. A China, na época de Su Tungpo possuía as duas coisas.

Foi, pois, o serviço civil uma das mais influentes forças que concorreu para a consolidação da sociedade chinesa, que, por assim dizer, já experimentou as mais variadas formas de govêrno, que se vão revezando, enquanto a China continua. Surgiram e decaíram as civilizações da Babilônia, Egito, Judéia, Grécia, Cartago e Roma. A China, conservando o mais alto grau de moralidade de uma sociedade, como salientou Will Durant, manteve-se à margem. Os avanços e recuos que tem caracterizado a vida chinesa pouco têm influído no modo de vida e na maneira de pensar dos chineses. Sua filosofia, muito realista e dosada de grande senso de humor, tem demonstrado um poder superior ao da Grande Muralha...

Tendo em mira o conselho de Comte de que "só se conhece bem um assunto quando se conhece sua história", vamos repassar alguns aspectos do sistema de pessoal chinês, colhidos em O SÁBIO JOVIAL.

A administração pública, na época, obedecia à seguinte organização:

Conselho de Estado	<i>Conselho Privado</i> (militar) Um Presidente e um Vice-Presidente. <i>Conselho Administrativo</i> Um 1.º Ministro e um Vice-1.º Ministro	Chancelaria ou Gabinete do 1.º Ministro Secretariado Imperial <i>Departamento de Administração</i>	SEIS MINISTÉRIOS	1 — Serviço Civil 2 — Interior 3 — Educação 4 — Guerra 5 — Justiça 6 — Obras Públicas

Além dêsses, havia um Departamento de Finanças e um Serviço de Censura, ambos autônomos (op. cit. pág. 122).

Pelo organograma exposto, verifica-se que muitos séculos antes da judiciosa e divulgada argumentação doutrinária de Willoughby, já os estadistas chineses haviam criado um Ministério do Serviço Civil e muitas outras coisas mais.

Em matéria de seleção o rigor era total. Achavam os chineses que era uma imprudência, tal como assevera Will Durant, confiar a administração a amadores que iriam fazer sua aprendizagem em cargos de alta responsabilidade. Além disso consideravam não condizer com um regime democrático confiar cargos públicos apenas a uns grupos privilegiados. Por isso, o concurso público era a forma usual.

Muito se favorecia o resultado técnico dos concursos com a prática vigente de os adolescentes (como aconteceu com o nosso poeta) se prepararem desde jovens para enfrentar os concursos. Para um intelectual daquela época havia um dilema: ingressar nos quadros da administração ou vegetar na miséria e na obscuridade.

Os exames constavam de provas preliminares e provas finais (op. cit. pág. 54). Aquelas feitas no outono e estas na primavera. Os candidatos eram encerrados em celas e nutriam-se de merendas. As provas eram copiadas por escreventes, para evitar fraudes, que eram punidas com pena de morte.

Diz Will Durant que havia em Pequim cerca de 10.000 celas, o que prova ser a afluência dos estudantes comparável aos célebres concursos para Escriturário que o prof. Murilo Braga realizou no D.A.S.P. nove séculos depois.

Os examinados, também, não escapavam aos rigores que visavam à moralidade das provas. Durante a correção das mesmas (cerca de três meses) eram encerrados no próprio Palácio, até a conclusão dos trabalhos.

Os candidatos aprovados e nomeados, chamados "chinshih" conquistavam não só um cargo, mas passavam a pertencer à aristocracia intelectual do país.

Curioso é notar como êles resolviam certos problemas que a moderna Pedagogia ainda vacila. E' o caso dos elementos supernormais. Diz Lin Yutang que a "inteligência em demasia ou excessiva originalidade poderia ser muito mais um obstáculo que um título para o sucesso" (op. cit. página 44). Um dos mais brilhantes intelectuais, Chin Kuan não conseguiu aprovação.

A própria classificação de cargos que tanto preocupa os norte-americanos já existia na China. Os cargos eram grupados em nove classes, numeradas de 1 a 9. O poeta Su Tungpo, depois de designado para a função de redator de éditos da Rainha, conseguiu, em oito meses, ser promovido três vêzes.

Para não alongar, vamos comentar um dos mais curiosos serviços, que era o de Censura. Era formado por um grupo de funcionários, pagos, portanto, pelos cofres públicos, com o fim de criticar os atos de quaisquer dos poderes, mesmo do próprio Imperador. E' claro que o bem-estar dos censores ficava muito a depender do maior ou menor grau de tolerância do Imperador. Quando era um monarca de índole democrata os censores agiam à vontade e a opinião pública, de que êles eram porta-vozes, exultava de contentamento. Quando, ao revés, o Imperador era autoritário, os censores sofriam toda a sorte de perseguições que chegava a sacrificar-lhes a própria vida. Prestavam um inestimável serviço, como costumam prestar os órgãos da imprensa moderna que colaboram, pela crítica, no exame das decisões e atuação das repartições e órgãos de governo.

Assim, pioneiros que foram das modernas práticas de administração pública, os chineses possuem raízes fortes no passado que os poderão guiar na organização de um moderno serviço civil, ideal sustentado pelos Estados que desejam alcançar sua verdadeira finalidade, que é, sem dúvida, assegurar o máximo de bem-estar à coletividade.

* * *

Não se pode negar que a Administração Pública, como hoje todos a entendemos — isto é, a institucionalização racional do Poder Público — tem todas as suas operações amparadas por esta força subterrânea que é a pesquisa organizada. Sem os exaustivos estudos prévios, sem as longas experiências e ensaios, a Administração Pública não seria hoje esta força propulsora do Estado, vencendo crises, possibilitando a passagem de empreendimentos particulares para a órbita dos negócios públicos, alargando sistematicamente o âmbito do Executivo, enfim, elevando a alçada da Administração a um grau agudíssimo de juridicidade. — (José Saldanha da Gama e Silva — Revista do Serviço Público — fevereiro 1946, pág. 53).